

ULISSES, IMPASSE E NEGOCIAÇÃO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 10.04.1984

A sociedade brasileira deposita uma firme esperança de que a votação da emenda restabelecendo as eleições diretas neste ano resolva o impasse político gravíssimo criado pela ilegitimidade do colégio eleitoral. Não há, entretanto, garantia de que esse impasse seja resolvido, dada a recusa à negociação por parte do governo federal.

Negociação significaria, da parte do governo, ou aceitar a tese das eleições diretas já esta seria, aliás, a solução mais democrática e mais patriótica, ou então significaria propor um governo de transição de curta duração (dois anos e meio) acompanhado da convocação de assembléia constituinte a ser eleita em 15 de novembro de 1986. Em seis meses haveria tempo para a assembléia constituinte definir a forma de eleição do novo presidente e proceder-se sua eleição.

O governo, entretanto, recusa-se a negociar, ainda que haja uma atitude favorável à negociação em certos setores minoritários do governo não comprometido com o continuísmo autoritário representado pelas candidaturas Andreazza e Maluf.

No seio da oposição, por sua vez, embora haja um amplo setor favorável a algum tipo de negociação, aumentou nas últimas semanas, à medida em que a campanha cívica pelas eleições diretas se tornava vitoriosa, o número dos que adotam uma atitude extremamente negativa à negociação. Com mais insistência e às vezes com indignação passou-se a ouvir que negociação é ilusão, é traição, é conciliação de elites contra o povo. Estas atitudes partem dos setores mais radicalmente democráticos ou mais de esquerda da oposição, enquanto que os setores mais moderados da oposição e as classes dominantes burguesas e tecnoburocráticas comprometidas com as eleições diretas continuam a falar na necessidade de algum tipo de negociação com o governo ou, pelo menos, com os setores aurelianistas do PDS, para viabilizar a emenda Dante de Oliveira, ou, no caso de sua

derrota, para tornar possível o lançamento pelo oposição de um candidato de centro, mas pertencente a seus quadros, que seja capaz de uni-la e obter uma parte dos votos de representantes do PDS no colégio eleitoral.

Neste quadro de impasse entre governo e oposição e de divisão entre os setores mais de esquerda e os mais moderados, ou entre os setores mais utópicos e os mais realistas dentro da oposição, o papel que vem desempenhando e continuará a desempenhar o Sr. Ulisses Guimarães é fundamental.

Com admirável sentido de patriotismo e de coragem ele vem liderando a oposição democrática brasileira nestes últimos doze anos. No momento ele é acusado pelos conservadores de radical, porque recusar-se-ia a negociar com o governo. Na verdade, quem se recusou até agora a negociar com a oposição sobre uma agenda mínima de retorno à democracia a curto prazo foi o governo federal.

O presidente do PMDB vem sendo pressionado de todos os lados. Dentro do seu partido, principalmente, vem sendo pressionado pelos moderados ou realistas. Mantém, entretanto, sua independência.

Esta independência será fundamental na eventualidade da recusa da emenda Dante de Oliveira. Esta recusa implicará em lançar o país em um período de turbulência social e política sem precedentes. E nesse momento, diante da irresponsabilidade dos congressistas do PDS, só um homem que soube manter sua integridade democrática terá condições de negociar em nome da oposição uma saída para o impasse.(10/04)